

## **FOOTING: ATIVIDADE SOCIAL NUMA CIDADE CAMINHÁVEL**

*Ana Maria Schuch Araujo  
Daiane Regina Valentini*

**Resumo:** O presente artigo objetivou analisar e refletir sobre o espaço público e a cidade a fim de compreender melhor o que seria uma cidade caminhável. Para isso, analisou-se a relação entre acessibilidade, mobilidade urbana sustentável, mobilização, controle social, a paisagem e a cidade desenhada para conviver com o intuito de entender como tudo isso influencia a forma como as pessoas veem a cidade onde moram e se apropriam dela. Também se buscou na história da cidade de Erechim a prática do footing por ser uma atividade social que os moradores faziam ao passearem ao longo da Avenida Maurício Cardoso situada na frente do antigo Café Grazziotin. E a possível utilização dessa prática ao longo do espaço pensados no trabalho de Favaretto et al. em O Sistema de Espaços Livres na Cidade de Erechim, RS, Brasil e o Planejamento da Paisagem onde as autoras dessa forma estamos recorrendo ao passado para de forma criativa resolvermos uma questão do presente.

**Palavras-chave:** Espaço público. Rua. Urbanidade. Footing. Cidade caminhável.

### **FOOTING: SOCIAL ACTIVITY IN THE WALKABLE CITY**

**Abstract:** This article aimed to analyze and reflect on public space and the city in order to better understand what a walkable city would be. To this end, the relationship between accessibility, sustainable urban mobility, mobilization, social control, the landscape and the city designed to live together was analyzed with the aim of understanding how all of this influences the way people see the city where they live and appropriate it. her. The practice of footing was also sought in the history of the city of Erechim as it was a social activity that residents did when walking along Avenida Maurício Cardoso located in front of the old Café Grazziotin. And the possible use of this practice throughout the space considered in the work of Favaretto et al. in The System of Free Spaces in the City of Erechim, RS, Brazil and Landscape Planning where the authors are resorting to the past to creatively resolve an issue of the present.

**Keywords:** Public space. Road. Urbanity. Footing. Walkable city.

### **FOOTING: ACTIVIDAD SOCIAL EN LA CIUDAD CAMINANTE**

**Resumen:** Este artículo tuvo como objetivo analizar y reflexionar sobre el espacio público y la ciudad para comprender mejor qué sería una ciudad caminable. Para ello, se analizó la relación entre accesibilidad, movilidad urbana sostenible, movilización, control social, paisaje y ciudad diseñada para vivir juntos con el objetivo de comprender cómo todo ello influye en la forma en que las personas ven la ciudad donde viven y se apropian. eso.ella. La práctica del footing también fue buscada en la historia de la ciudad de Erechim, ya que era una actividad social que realizaban los habitantes al caminar por la Avenida Maurício Cardoso ubicada frente al antiguo Café Grazziotin. Y la posible utilización de esta práctica en todo el espacio considerado en el trabajo de Favaretto et al. en El Sistema de Espacios Libres en la Ciudad de Erechim, RS, Brasil y Planificación del Paisaje donde los autores recurren al pasado para resolver creativamente una cuestión del presente.

**Palabras-clave:** Espacio público. Camino. Urbanidad. Pie. Ciudad transitable.



## 1 INTRODUÇÃO

A degradação dos centros urbanos e a controversa expansão de cidades é uma realidade da cidade contemporânea brasileira: uma paisagem fragmentada por sua história, que busca reinventar-se e descobrir-se a partir dos significados da construção coletiva do espaço livre público.

Este trabalho tem por objetivo discutir a importância dos espaços públicos urbanos, como a rua, para as relações sociais. Pela capacidade que os espaços livres públicos urbanos têm de oferecer possibilidades em práticas urbanas e estimular o processo de acionamento de outros inúmeros objetos e usos, assume dimensões de multifuncionalidade, acessibilidade, interação social e temporalidade. Assim, apresenta-se o caso da Avenida Maurício Cardoso em Erechim RS, que desde a década de 1940 abriga apropriação pública bastante significativa

A Metodologia se baseia na revisão bibliográfica estruturada, pesquisa documental em livros e publicações históricas e levantamento de campo acerca das tipologias de apropriação atual da Avenida Maurício Cardoso em Erechim-RS.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1. O espaço público e a cidade

A partir da chamada reforma urbana, os artigos 82 e 83 da Constituição e o Estatuto das cidades foram precursores da implantação de políticas públicas voltadas à coletividade e ao espaço urbano público.

Em 2012, o ONU Habitat lançou o índice de prosperidade urbana, que incorporou uma série de indicadores espaciais, sendo um deles, a disponibilidade e acessibilidade ao espaço público. O tema “espaços públicos” faz parte da nova agenda urbana adotada pela Terceira Conferência das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (HABITAT III, 2016), cujo tema é Habitação e desenvolvimento sustentável.

Em 2015, o Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat) a comemoração ao Dia Mundial do Habitat tem como tema “Espaços Públicos para Tod@s” e culminou no Dia Mundial das Cidades contemplando o tema “Cidades: Desenhadas para Conviver”. No âmbito dos novos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), metas salientam a importância dos espaços públicos: “Até 2030, prover acesso universal a áreas verdes e espaços públicos seguros, inclusivos e acessíveis, especialmente para mulheres e crianças, idosos e pessoas com deficiências” (ACIOLY, 2015).

Muitas das intervenções urbanas em espaços públicos e processos de planejamento para cidades sustentáveis no mundo todo têm sido construídas a partir de experiências que buscam retomar a escala humana da cidade: “Cidades Desenhadas para Conviver”, cidades para pessoas, os plints urbanos”, acessibilidade e mobilidade urbana sustentável, mobilização e controle social. A qualidade de vida na cidade e que se refletem na escala dos espaços, nas soluções de mobilidade, nas dinâmicas que favorecem a vitalidade, sustentabilidade e segurança das áreas urbanas, na valorização dos espaços públicos, nas possibilidades de expressão individual e coletiva, na beleza daquilo que pode ser apreendido ao nível do observador (KARSSENBERG; LAVEN, 2015).

O estudo da paisagem e do espaço é abordado por Santos (2001, p. 66-67), evidenciando-os como um processo urbano: “a paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual” enquanto que “o espaço são essas formas mais a vida que as anima”. A cidade contemporânea é o lugar em transição dos processos produtivos, do comportamento humano e, por consequência, das relações sociais: “cada vez mais o espaço se constitui numa articulação entre o local e o mundial, visto que, hoje, o processo de reprodução das relações sociais dá-se fora das fronteiras do lugar específico até há pouco vigentes”. (CARLOS, 2007).

A degradação dos centros urbanos e a controversa expansão de cidades é uma realidade da cidade contemporânea brasileira: uma paisagem fragmentada por sua história, que busca reinventar-se e descobrir-se a partir dos significados da construção coletiva do espaço livre público. Cada vez mais, vemos o espaço público como bem acessível a uma minoria: “esse enfoque do problema impede que o mesmo seja resolvido pela reivindicação geral de caráter social visando a uma utilização comum dos espaços públicos”. É notória a tendência, no público, de obter esses bens por meio de uma competição individual que isola o problema de suas implicações de estrutura e de urbanização social” (KLIASS; MAGNOLI, 2006).

De acordo com Alex (2008, p. 19), os locais que concretizam o espaço “público” indicam que esses espaços são abertos e acessíveis, sem exceção, à todas as pessoas. Porém, mesmo os espaços livres públicos com fácil acesso a todos não usufruem de urbanidade. Ao contrário, muitas vezes significam uma ameaça (pela insegurança urbana) à vida pública. Gomes (2002), conceitua que “públicos” são os “atributos de um espaço são aqueles que têm relação com a vida pública”.

As ruas, praças e parques urbanos constituem importantes espaços livres públicos de desenvolvimento de urbanidades. Porém, a rua, bem público de uso comum do povo (BRASIL, 2002), por suas relações com todos os espaços livres e construídos, públicos e privados, é “o principal espaço livre da cidade” (CUSTÓDIO *et al.* 2013, p. 1).

Já que o acesso e o deslocamento são fundamentos do direito urbanístico e fundiário brasileiro, pode-se afirmar que a forma da cidade é decorrente da conformação da via: “o espaço público, a rua em especial, tem papel estruturador na constituição da forma urbana, pois reflete as formas de mobilidade, acessibilidade e circulação, parcelamento e propriedade da terra urbana” (MACEDO *et al.*, 2012, p. 143). Porém, “muito além de um espaço livre de circulação, aeração e iluminação das construções, a rua é o espaço de interações sociais, linha de diálogo entre o público e o privado, entre o

pedestre e o veículo, entre o construído e o livre” (RISSI; VALENTINI; FUÃO, 2015, p. 2).

A rua “não só define o eixo de investimentos de todas as redes de infraestruturas, mas também os espaços de conectividade, encontros sociais, agregando praças e lugares (...), criam oportunidades de desenvolvimento econômico e cultural” (ACYOLI, 2015, p. 7). A releitura dos princípios urbanísticos na discussão da urbanidade na cidade contemporânea: temas como mobilidade, acessibilidade unidades de vizinhança, segregação, densidade, custo do solo, expansão das cidades e deterioração de áreas centrais e centros históricos podem ser discutidos à luz da realidade contemporânea, a partir da rua.

O termo “urbanidade” define-se como o que pertence e que é próprio da cidade. Já na antiguidade, “o atributo fundamental, inerente à própria noção de cidade, é a vida cívica, política, representada pela polis, fruto da articulação de duas funções simbólicas: atividade de troca (urbs) administrativas (civitas)” (KOHLSDORF, 1996, p. 15).

Pela capacidade que os espaços livres públicos urbanos têm de oferecer possibilidades em práticas urbanas e estimular o processo de acionamento de outros inúmeros objetos e usos, assume dimensões de multifuncionalidade, acessibilidade, interação social e temporalidade.

Na formação dos espaços públicos estruturadores da cidade, tem-se ruas, largos, praças, jardins públicos, parques, avenidas, áreas verdes entre os mais frequentes. Diferentemente das praças e parques ou terrenos de propriedade pública, a partir do Código Civil de 2002 - Lei No 10.406/2002 (BRASIL, 2002), a rua e as áreas verdes constituem-se em bem público de uso comum do povo (Art. 99), portanto inalienável (Art. 100).

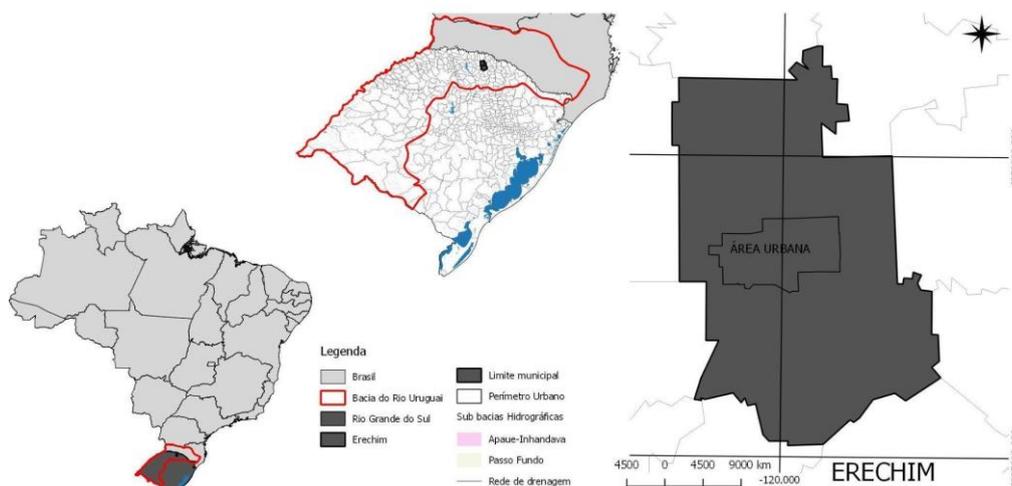
A rua “não só define o eixo de investimentos de todas as redes de infraestruturas, mas também os espaços de conectividade, encontros sociais, agregando praças e lugares (...), criam oportunidades de

desenvolvimento econômico e cultural” (ACYOLI, 2015, p. 7). A releitura dos princípios percorridos por Jane Jacobs (2000) na década de sessenta torna-se atual na discussão da urbanidade na cidade contemporânea. Temas como mobilidade, acessibilidade, unidades de vizinhança, segregação, densidade, custo do solo, expansão das cidades e deterioração de áreas centrais e centros históricos podem ser discutidos à luz da realidade contemporânea, a partir da rua.

## 2.2. A avenida Maurício Cardoso em Erechim

A cidade de Erechim, localizada no Norte do Estado do Rio Grande do Sul (Figura 1), é uma cidade média com 105.705 habitantes (IBGE, 2022):

**Figura 1 - Localização do município de Erechim-RS, com destaque para a Avenida Maurício Cardoso.**



Fonte: Elaboração dos autores (2023).

Na década de 1910, ocorreu o início da ocupação de Erechim incentivado pelo Estado, através de um Plano de Imigração e Colonização. Concomitante à colonização, na primeira metade do século XX, teve a consolidação da Rede Ferroviária Federal S. A. (RFFSA) ligando o Rio Grande do Sul ao restante do Brasil, fato que impulsionou o desenvolvimento dos municípios. Em Erechim, foi inaugurada em 1910 e desativada em 1997 (PME, 2011).

Uma das principais características de seu traçado urbano, é a malha xadrez

cortada por duas diagonais, onde ruas com passeios largos e ortogonalmente distribuídas convergem para a praça central, de onde partem avenidas diagonais. Essa praça central foi projetada para ser o centro político, administrativo e religioso do município - Praça da Bandeira. Essa primeira urbanização encontra-se nas porções mais altas do território e malha oriunda da expansão urbana é ortogonal em sua maior porção, exceto alguns trechos específicos de maiores declividades. Do ponto de vista dos espaços livres públicos, se destacam as vias (e suas calçadas) e as praças, principalmente no núcleo central da área urbana, com apropriação dos locais mais planos.

### **2.3. Cidades Caminháveis**

Segundo Delazeri (s/d, p. 182) no Livro Álbum Fotográfico da História de Erechim “a história de Erechim continua demonstrando as características que desde o início marcaram sua identidade: diversificação da economia e criatividade na busca de soluções”.

Thibaud (2012, p. 4) em A cidade através dos sentidos comenta que “em uma época em que os problemas ambientais despontam com urgência e força, e em que o caráter público dos espaços urbanos é cada vez mais questionado, nos parece mais importante do que nunca embarcar em reflexões profundas sobre a cidade sensível”.

Dessa forma, ao integrarmos o trabalho que as autoras de O Sistema de Espaços Livres na Cidade de Erechim, RS, Brasil e o Planejamento da Paisagem pensaram a fim de “apontar um caminho, entre tantos possíveis, por onde se poderia articular um sistema de espaços livres qualificado para a área urbana de Erechim. (FAVARETTO *et al.*, 2020, p. 20)” ao *footing* - atividade social que ocorria entre 1945 e 1970 (ver Figuras 2, 3, 4 e 5) estamos recorrendo ao passado para de forma criativa resolvermos uma questão do presente.

Figura 2 - Casal no *Footing*.

Fonte: Nauira Zanardo Zanin.

Figura 3 - Grupo de Senhoras passeando: Etelvina Rosa, Rosalina Faraon, Ederige Sampaio e Gelsomina Carraro.



Fonte: Delazeri (s/d, p. 180) apud cortesia Ederige Sampaio.

Figura 4 - Grupo de jovens: Avani Deboni, Marlene Tozzo, Ivone Mocelin e Rose Mari Merg.



Fonte: Delazeri (s/d, p. 180).

Figura 5 - *Footing* na Avenida.

Fonte: Delazeri (s/d, pág. 181).

Delazeri comenta que:

No mesmo período em que o Café Grazziotin funcionava, a avenida Maurício Cardoso era bastante movimentada. Na saída da missa de domingo e à noite, as pessoas passeavam ao longo da avenida, indo e vindo. Viam-se pessoas de todas as idades, mas chamava a atenção o fato de os rapazes geralmente ficarem nas calçadas, olhando, enquanto as moças caminhavam em grupos. (DELAZERI, s/d, p. 181).

Através do sistema de espaços livres sugerido por Favaretto *et al.* poderíamos ter um *footing* abrangendo uma boa parcela da cidade “[...] a

partir da interconexão dos espaços livres adjacentes à ferrovia, que forma um anel periférico à cidade, com a avenida principal, que se configura como eixo central, formado pela Av. Sete de Setembro e a Av. Maurício Cardoso, conectando-se às praças e largos intrabairros através da requalificação da rede de vias urbanas (FAVARETTO *et al.*, 2020, p. 22)” tornando assim Erechim uma cidade caminhável.

Segundo Archtrends (2019), o conceito de uma cidade caminhável

se baseia em maior mobilidade urbana, principalmente focando o caminhar, ao enxergar como esse simples ato provoca mudanças significativas na economia e organização dos espaços públicos e privados” além disso o autor comenta que “as cidades caminháveis abordam intervenções em vários sentidos, para tornar cenários urbanos mais transitáveis, principalmente por pedestres.

Então, ao “articular os espaços livres estudados com as demais áreas livres da cidade, reunindo um conjunto de espaços estruturados como um sistema que potencializem a apropriação pública (FAVARETTO *et al.*, 2020, p. 18)” permitiremos que as pessoas que moram nos bairros se sentissem pertencentes a cidade e tem um acesso de qualidade aos demais bairros através de uma cidade caminhável, não ficando à mercê de automóveis para o seu deslocamento.

Assim, esses espaços “além de serem áreas de ‘respiro’ entre ambientes edificados” (FAVARETTO *et al.*, 2020, p. 20) e “sua localização possui importância para a recreação e o lazer das comunidades onde estão inseridos” (FAVARETTO *et al.*, 2020, p. 20), esses espaços representam uma artéria de deslocamento ao longo da cidade.

Thibaud (2012, p. 3) diz que:

o ato de andar tem sido eleito como ponto de partida da reflexão e permitido problematizar a relação sensorial do morador com o seu entorno urbano. Assim, dedicando-nos aos questionamentos sobre o imaginário social, torna-se possível percebermos as formas de habitar a cidade e o poder afetivo dos lugares (Sansot, 1973; Augoyard, 1979). Os sentidos,

assim, tornam-se o ponto de partida por excelência da expressão do morador.

É necessário mudarmos o olhar sobre a forma que vivemos a cidade “porque se trata da nossa própria maneira de habitar o mundo urbano, de como nos encaixamos e o experimentamos no nosso cotidiano” (THIBAUD, 2012, p. 3).

Esse novo olhar para a cidade leva em conta não só o urbanismo ou a arquitetura das edificações, mas considera também “uma ecologia social, uma ecologia da mente e uma ecologia do meio ambiente”. (THIBAUD, 2012, p. 4) Assim, “uma das questões mais relevantes é, portanto, criar uma ecologia urbana dos sentidos que forneça acesso ao contexto estético da experiência comum” (THIBAUD, 2012, p. 4).

Thibaud considera que, ao desejarmos uma cidade sensível, existem três correntes que devem ser analisadas, são elas:

a estética da modernidade, que explora as consequências das mudanças nas grandes cidades no início do século passado; a estética ambiental, atenta particularmente ao papel da natureza nos espaços vividos; e a estética das ambiências, focada nas tonalidades afetivas dos espaços urbanos e arquitetônicos. (THIBAUD, 2012, p. 5)

Ao retomarmos o conceito do *footing* para os dias de hoje, estaremos trazendo novamente as pessoas para os passeios no centro das Avenidas Sete de Setembro (ver Figuras 6, 7, 8, 9, 10 e 11) e Maurício Cardoso (ver Figuras 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19) que atualmente só são utilizados à noite na Avenida Maurício Cardoso em função da concentração de bares nessas quadras, e a população, quando não vai entrar nos bares, senta nos bancos e até mesmo traz cadeiras para ficar olhando o movimento.

**Figura 6 - Canteiros centrais  
Avenida Sete de Setembro**



Fonte: Autora (2023).

**Figura 7 - Canteiros centrais  
Avenida Sete de Setembro**



Fonte: Autora (2023).

**Figura 8 - Canteiros centrais  
Avenida Sete de Setembro**



Fonte: Autora (2023).

**Figura 9 - Canteiros centrais  
Avenida Sete de Setembro**



Fonte: Autora (2023).

**Figura 10 - Canteiros centrais  
Avenida Sete de Setembro**



Fonte: Autora (2023).

**Figura 11 - Canteiros centrais  
Avenida Sete de Setembro**



Fonte: Autora (2023).

**Figura 12 - Canteiros centrais  
Avenida Maurício Cardoso**



Fonte: Autora (2023).

**Figura 13 - Canteiros centrais  
Avenida Maurício Cardoso**



Fonte: Autora (2023).

**Figura 14 - Canteiros centrais  
Avenida Maurício Cardoso**



Fonte: Autora (2023).

**Figura 15 - Canteiros centrais  
Avenida Maurício Cardoso**



Fonte: Autora (2023).

**Figura 16 - Canteiros centrais  
Avenida Maurício Cardoso**



Fonte: Autora (2023).

**Figura 17 - Canteiros centrais  
Avenida Maurício Cardoso**



Fonte: Autora (2023).

**Figura 18 - Canteiros centrais  
Avenida Maurício Cardoso**



Fonte: Autora (2023).

**Figura 19 - Canteiros centrais  
Avenida Maurício Cardoso**



Fonte: Autora (2023).

Outra questão que já acontece e precisa ser melhorada é a utilização da Praça Jaime Lago (Praça dos Bombeiros) conforme Favaretto *et al.* (2020, p. 14) comenta, ela "congrega várias atividades e eventos, como *shows* artísticos, musicais e feiras. Possui equipamentos para atividades físicas para adultos e de recreação para crianças, palco para apresentações e sanitários, além de bancos, lixeiras e postes de iluminação". Favaretto *et al.* (2020, p. 14) ainda relata que o "seu uso intensificado aos domingos, quando é fechado o trecho da pista de rolagem de veículos [...] se torna uma

extensão da praça e é também ocupada como espaço de estar, permitindo a circulação de pedestres, bicicletas, *skates*, patins e outros”. (ver Figuras 20, 21, 22 e 23).

Figura 20 - Vistas acesso Praça Jaime Lago



Fonte: Autora (2023).

Figura 21 - Vistas acesso Praça Jaime Lago



Fonte: Autora (2023).

Figura 22 - Vistas acesso Praça Jaime Lago



Fonte: Autora (2023).

Figura 23 - Vistas acesso Praça Jaime Lago



Fonte: Autora (2023).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao articular espaços livres já existentes na cidade, de forma a criar uma artéria de circulação entre bairros e o centro da cidade, se está permitindo que a população tenha uma maior flexibilidade ao deslocar-se. Hoje, elas

precisam de um transporte para que isso aconteça, ficando restritas aos roteiros por onde eles circulam e muitas vezes aos seus horários.

Ao proporcionar para os moradores da cidade uma opção de se deslocarem a pé, permite-se uma liberdade para eles, uma vez que eles podem decidir qual o percurso que querem fazer e quando fazer. Além disso, possibilita que a população descubra a cidade ao passar por outros lugares que o transporte não passaria. Ao ter uma maior liberdade de circulação pela cidade onde mora as pessoas conseguem se apropriar dela melhor e assim criar mais conexões com o espaço por se sentirem pertencentes àquele lugar. Essas sinapses permitem que as pessoas também passem a cuidar mais dos espaços pois sentem como se eles fossem a continuação das suas residências.

## REFERÊNCIAS

ACYOLI, Claudio. Cidade e Espaço Público: revolução e prosperidade. **Revista Qtsi**, Porto Alegre, 2015, p. 6-7.

ARCHTRENDS. Portobello. **Cidades caminháveis**: uma nova abordagem urbanística. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3v9t3cM>. Acesso em: 20 set. 2023.

BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de Janeiro de 2002. Código Civil. Brasília, 10 jan. 2002.

CARLOS, Fani. **O espaço Urbano**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CONDE, Queila Rissi; VALENTINI, Daiane Regina; FUÃO, Juliana Reis. A Avenida Getúlio Vargas e os Espaços Livres públicos centrais de Chapecó-SC: um estudo da sua urbanidade. In: 1o Congresso Internacional Espaços Públicos, 2015, Porto Alegre - RS. **ANAIS DO 1o CONGRESSO INTERNACIONAL ESPAÇOS PÚBLICOS**. PORTO ALEGRE: PUC RS, 2015.

DELAZERI, Jaci José. **Álbum Fotográfico da História de Erechim**. Erechim: Edelbra, [s.d.].

KARSSENBERG, Hans; LAVEN, Jeroen. **A cidade ao nível dos olhos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

KOHLSDORF, Elaine Maria. **Apreensão da forma da cidade**. Brasília: editora da Universidade de Brasília. 1996.

FAVARETTO, Angela; VALENTINI, Daiane Regina; SAUGO, Andréia; REGO, Andrea Queiroz da Silva Fonseca. Constituição dos espaços livres na cidade de erechim-rs, rs, brasil e o planejamento da paisagem. **Terr@ Plural**, [S. l.], v. 14, p. 1–23, 2019. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/13313>. Acesso em: 30 set. 2023.

SUN, Alex. **Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: Ed. Senac, 2008.

THIBAUD, Jean-Paul. A cidade através dos sentidos. **Cadernos do PROARQ Rio de Janeiro Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de arquitetura e Urbanismo**, Rio de Janeiro, n. 18, jul 2012.

---

## **SOBRE AS AUTORAS:**

### **Ana Maria Schuch Araujo**

Docente do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo e do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Processos e Produtos Criativos e suas Interfaces da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Erechim, RS. Mestre em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Participa dos Grupos de Pesquisa CNPQ: Projeto e Tecnologia da Arquitetura (Erechim) e ACASA: inventário patrimonial das formas de morar (Belém) UNAMA.

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9455-5071>

E-mail: [ana.araujo@uffs.edu.br](mailto:ana.araujo@uffs.edu.br)

### **Daiane Regina Valentini**

Docente do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo e do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Processos e Produtos Criativos e suas Interfaces da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Erechim, RS. Doutora em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Participa dos Grupos de Pesquisa CNPQ: Projeto e Tecnologia da Arquitetura (Erechim), Pesquisas Sobre Usos do Território e Dinâmicas Socioespaciais - GETESE (Chapecó) - UFFS, Grupo de Pesquisa Projeto e Representação do Ambiente – UFRJ.

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-3137-8386>

E-mail: [daiane.valentini@uffs.edu.br](mailto:daiane.valentini@uffs.edu.br)

**Artigo recebido em: 30 set. 2023. | Artigo aprovado em: 16 nov. 2023.**